



**Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas**

**O romantismo (anticapitalista) em *As pupilas do Senhor Reitor*, de
Júlio Dinis**

Thiago Henrique Mendes Miranda

Ana Laura dos Reis Corrêa
Orientadora

Brasília
Dezembro – 2014

O romantismo (anticapitalista) em *As pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis

Thiago Henrique Mendes Miranda¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de apresentar as características românticas (anticapitalistas), notadamente sob o ponto de vista teórico de Michael Löwy e Robert Sayre, constantes na obra portuguesa *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis. Por meio de uma profunda revisão teórica sobre o romantismo anticapitalista, de uma análise objetiva da obra em questão e de seu contexto, este trabalho conclui que, mesmo que de maneira diferente dos países centrais da Europa do século XIX (Inglaterra, França e Alemanha), o romantismo anticapitalista reverberou em Portugal, ainda que de maneira mais conservadora que revolucionária.

Palavras-chave: Romantismo; Anticapitalismo; Löwy; Portugal; Dinis.

ABSTRACT

This article aims to present the romantic features (anti-capitalist), especially from a theoretical point of view of Michael Löwy and Robert Sayre, contained in the portuguese book *As Pupilas do Senhor Reitor*, Júlio Dinis. Through a deep theoretical review of the anti-capitalist romanticism, an objective analysis of the work in question and its context, this paper concludes that even if differently from core countries of nineteenth-century Europe (England, France and Germany) the anti-capitalist romanticism reverberated in Portugal, albeit in a more conservative manner than revolutionary.

Keywords: Romanticism; anti-capitalism; Löwy; Portugal; Dinis.

Introdução

O presente trabalho tem como finalidade discutir as características românticas da obra *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis, especialmente sob o ponto de vista teórico desenvolvido pelos autores Michael Löwy e Robert Sayre no texto “O que é

¹ Graduando em Letras Português – Universidade de Brasília (UnB)

romantismo? Uma tentativa de redefinição”, constante da obra *Revolta e Melancolia – O Romantismo na contramão da modernidade* (1995).

Estudar uma obra já tão trabalhada publicamente, especialmente por meio de adaptações em teatro, filmes e telenovelas, sob um ponto de vista diferente e mais abrangente de romantismo - como fenômeno representante de uma visão de mundo específica e que abarca diversas áreas culturais, é o que motiva a realização deste artigo.

De início, será realizada uma revisão teórica do texto “O que é romantismo? Uma tentativa de redefinição”, expondo seus fundamentos e conceitos mais relevantes e suas discussões, notadamente no que se refere à definição do fenômeno romântico adotado pelos autores, que muito difere da abordagem “tradicional”. A segunda parte será destinada à apresentação de *As pupilas do Senhor Reitor* enquanto obra literária e seu contexto. Por fim, antes das considerações finais e das referências, será realizada a análise, de maneira clara e objetiva, das características românticas (anticapitalistas) da obra.

1. O romantismo (anticapitalista)

1.1 O enigma indecifrável

A pergunta “O que é romantismo?” gera inúmeras respostas e diversos questionamentos, quase sempre divergentes entre si. Na verdade, definir o fato romântico é um enigma aparentemente indecifrável. Desde o século XIX, é comum designar como românticos não somente escritores, artistas ou poetas, mas também agentes de outras esferas culturais, como filósofos, ideólogos políticos, historiadores, economistas, teólogos, etc. Assim, podemos perceber que o fato romântico rompe as paredes da literatura e dissemina sua influência em diversos outros campos culturais da sociedade, e essa diversidade superabundante de atuação resiste às diversas tentativas de redução a um denominador comum.

Outro fator que contribui para esse aparente indecifrável enigma é o caráter fabulosamente contraditório do romantismo, sua natureza de *coincidentia oppositorum*. O fenômeno romântico é, simultânea ou alternadamente, revolucionário e

contrarrevolucionário; individualista e comunitário; cosmopolita e nacionalista; realista e fantástico; retrógrado e utopista; revoltado e melancólico; democrático e aristocrático; ativista e contemplativo; republicano e monarquista; vermelho e branco; místico e sensual. Vale ressaltar que essas contradições não permeiam o romantismo somente em seu conjunto, mas a obra e vida de um mesmo autor e, às vezes, até mesmo uma única e mesma obra.

No intento de definir o fato romântico e contornar suas características peculiares, diversos estudiosos literários, de início, partiram para a solução aparentemente mais prática: eliminar o próprio termo. O mais famoso representante dessa atitude, no século XIX, é o crítico americano Arthur O. Lovejoy. Seu principal argumento é que a

[...] palavra romântico já significou um tão grande número de coisas que, em si, não significa nada. Deixou de exercer a função de um signo verbal... Receio que o único remédio radical – a saber, que todos nós deixemos de falar do romantismo – não venha a ser adotado. (LOVEJOY *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 10)

Para Löwy e Sayre, essa abordagem pode até parecer eficaz, mas é estéril, não aumenta em nada o conhecimento e empobrece a linguagem. Afinal, se, há dois séculos, o fenômeno romântico é abordado e é assim designado para explicar diversos fenômenos de determinada realidade, é preciso estudá-lo. Onde há fumaça, há fogo. Assim, Löwy e Sayre propõem as verdadeiras discussões: que fogo é esse? O que o alimenta? E por que se propaga em todas as direções?

Carl Schmitt, autor de um livro bastante famoso sobre o romantismo político, é o representante máximo do método que, para desembaraçar as contradições do romantismo, tenta esvaziá-las pela incoerência e frivolidade dos escritores e ideológicos românticos. Segundo ele

[...] a multiplicidade tumultuosa das cores (*tumultuarische Buntheit*) no romantismo se dissolve no simples princípio de um ocasionalismo subjetivizado, e a misteriosa contradição das diversas orientações políticas do assim nomeado romantismo político se explica pela insuficiência moral de um lirismo pelo qual um conteúdo qualquer pode ser a ocasião de um interesse estético. Para a essência do romantismo, não tem importância se as ideias que são romantizadas são monárquicas ou democráticas, conservadoras ou revolucionárias; elas são apenas pontos de partida

ocasionais para a produtividade do ego criativo romântico. (SCHMITT *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p.11)

Além disso, Schmitt insiste sobre a “passividade”, a “falta de virilidade” e a “exaltação feminina” de autores como Novalis, Schlegel ou Adam Müller. Esse argumento, segundo Löwy e Sayre, revela mais os preconceitos de seu autor do que a natureza do romantismo.

Ademais, outros autores, sempre de forma pejorativa, também se referem à “feminilidade” do romantismo, como é o caso, por exemplo, de Benedetto Croce, que “tenta contestar a algumas das contradições do romantismo apoiando-se na natureza 'feminina, impressionável, sentimental, incoerente e volúvel' da alma romântica” (CROCE *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 12); e Pierre Lasserre, para quem a “idiossincrasia romântica é de essência feminina”. (LASSERRE *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 12) Segundo Löwy e Sayre, tais argumentos se mostram superficiais e sexistas, pois pretendem fazer da coerência um atributo exclusivamente masculino.

Há também aqueles autores que acreditam que o romantismo está despojado de todas as dimensões políticas e filosóficas. Para eles, o fenômeno é reduzido a uma simples escola literária oposta ao “classicismo”. Segundo o *Larousse du XX^e siècle*, por exemplo,

[...] são chamados românticos os escritores que, no início do século XIX, se liberaram das regras de composição e do estilo do classicismo. Na França, o romantismo foi uma reação profunda contra a literatura clássica nacional, enquanto vai constituir, na Inglaterra e Alemanha, o fundo primitivo do gênio autóctone. (*apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 12-13)

Outros autores, como M. H. Abrams, René Wellek e Morse Peckham, por considerarem inadequada a definição acima descrita, tentaram encontrar um ou vários denominadores comuns mais substanciais do fenômeno romântico. Assim, pese a diversidade de suas manifestações, o romantismo possui, segundo eles, valores comuns que o norteiam, como a mudança, o crescimento, a diversidade, a imaginação criadora e o inconsciente.

Para Löwy e Sayre, essa e outras tentativas semelhantes de definição, apesar de designarem características presentes na obra de diversos escritores românticos, não conseguem restituir a essência do fenômeno. A enumeração de características e valores que seriam românticos se mostra deveras arbitrária e inconsistente.

Em *Revolta e Melancolia – O Romantismo na contramão da modernidade* (1995), os autores ressaltam a importância, quando do estudo do romantismo, de se levar em consideração as diversas dimensões do fenômeno:

Uma das mais graves limitações da maioria dos estudos literários é ignorar as outras dimensões do romantismo e, em particular, suas formas políticas. De forma perfeitamente complementar (...) os cientistas políticos têm, muitas vezes, a deplorável tendência de negligenciar os aspectos propriamente literários do romantismo. Como abordam as contradições do movimento? Com grande frequência, a historiografia do romantismo político exclui a dificuldade ao sublinhar exclusivamente seu aspecto conservador, reacionário e contra-revolucionário – e ao ignorar pura e simplesmente as correntes e pensadores românticos revolucionários. (p. 15 - 16).

Na época da Segunda Guerra Mundial, as ideologias políticas românticas foram concebidas, em especial, como uma preparação para o nazismo. Claro que os ideólogos nazistas utilizaram como fonte de inspiração alguns temas românticos, porém tal fato não significa afirmar que toda a história do romantismo político seja analisada como mero prefácio histórico do Terceiro Reich, como o faz, por exemplo, William McGovern, que explica que os escritos de Carlyle “parecem limitar-se apenas a um prelúdio ao nazismo e a Hitler”. (*apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 16)

Peter Viereck, em *Metapolitics. From the Romantic to Hitler* e em outras obras similares, insiste sobre a germanidade do romantismo. Para Viereck, o romantismo trata-se de uma

[...] reação cultural e política contra o espírito romano-franco-mediterrâneo da clareza, racionalismo, forma e regras universais. Por conseguinte, o romantismo não passa, na realidade, da versão no século XIX da eterna revolta alemã contra a herança ocidental. (VIERECK *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 16)

Essas análises, como podemos observar, se resumem a relacionar o romantismo às manifestações revoltosas alemãs. Assim, desconsideram os românticos ingleses e franceses e até mesmo os românticos alemães jacobinos e revolucionários, como

Hölderlin e Büchner, por exemplo. Em resumo, no geral, os trabalhos dificilmente resistem à tentação de relacionar o romantismo ao pré-fascismo. Quando resistem, os historiadores tendem a apresentá-lo unicamente como uma corrente retrógrada, como o faz Jacques Droz.

Droz situa com precisão o caráter global do romantismo (*Weltanschauung*) e sua crítica da economia capitalista em suas obras sobre o fenômeno político na Alemanha. Porém, em última instância, o movimento é visto como uma reação contra os “princípios da Revolução Francesa e da conquista napoleônica”. (DROZ *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 17) Por essa lógica, Hölderlin, Büchner e demais românticos favoráveis à Revolução são excluídos dessa análise, e o período jacobino e pró-revolucionário de inúmeros poetas e escritores românticos é tratado como um acidente inexplicável.

Por outro lado, há a escola que identifica sumariamente o romantismo contrarrevolução, com interpretação oposta. Aqui o romantismo é sinônimo de revolução, dissolução social e anarquia. Segundo o historiador Irving Babbitt, por exemplo, o romantismo rousseauiano (que transforma o sonhador arcádico em um utopista) é “uma verdadeira ameaça à civilização”. (BABBITT *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 18)

Para Löwy e Sayre (1995), “é claro que essas duas escolas, igualmente unilaterais e limitadas, são incapazes de levar em consideração as contradições do romantismo e acabam por se neutralizar mutuamente.” (p. 18)

Ademais das dimensões literárias e políticas até aqui abordadas, há uma terceira linha de estudos que têm a virtude de reconhecer a multiplicidade cultural do romantismo e que, por conseguinte, o consideram como uma visão de mundo, uma *Weltanschauung* que se manifesta de diferentes maneiras. Segundo Löwy e Sayre (1995), “essa abordagem representa um grande progresso em relação à estreiteza conceptual típica das diferentes 'disciplinas' universitárias.” (p. 19) Essa visão permite vislumbrar a vasta paisagem cultural que se denomina romantismo e notar que a variedade tumultuosa de suas cores tem uma fonte luminosa comum.

No intento de descrever essa fonte luminosa comum a manifestações culturais tão diversificadas, muitos autores desse tipo de estudos define a visão romântica do mundo pela sua oposição à *Aufklärung*, ou seja, pela sua recusa do racionalismo abstrato da Filosofia das Luzes. Isaiah Berlin, em um célebre ensaio de história das ideias, “apresenta o romantismo como uma manifestação dos 'contra-iluministas': ao recusar os princípios centrais da Filosofia das Luzes (universalidade, objetividade, racionalidade)”. (BERLIN *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 19) Hamann, Herder e seus discípulos, de Burke a Bergson, proclamaram sua fé nas faculdades espirituais intuitivas e nas formas orgânicas da vida social.

De acordo com Löwy e Sayre (1995), “sem dúvida essa linha de interpretação revela um aspecto presente em inúmeros românticos, mas a simples oposição romantismo/*Aufklärung* não é convincente.” (p.19) Não convence, pois, principalmente, essas duas visões de mundo estão longe de ser mutuamente tão excludentes como se pretende. A mera recusa do pensamento iluminista não pode fazer as vezes de elemento espiritual unificador da manifestação romântica. Para eles, uma pista de interpretação importante que não é muito considerada pela grande maioria dos críticos e historiadores é a relação entre o romantismo e a realidade social e econômica.

Os poucos estudiosos que seguem essa pista de interpretação (situar o fenômeno romântico em um contexto social e histórico) são os marxistas ou os influenciados por eles. Assim mesmo, na visão de Löwy e Sayre, seguir tal pista é uma condição absolutamente necessária, mas, infelizmente, insuficiente para levar em consideração o romantismo e seus paradoxos. O resultado disso é que, mesmo entre os marxistas e seus influenciados, podemos encontrar o que há de melhor e o que há de pior.

Para Löwy e Sayre, as análises sobre o essencial do romantismo elaboradas pelos estudiosos marxistas lhes parecem interessantes e produtivas. Segundo esses estudiosos, o eixo comum do romantismo na grande maioria de suas manifestações é a oposição ao mundo burguês moderno. Contudo, a maioria desses estudos padece de um grande inconveniente, ao menos na visão de Löwy e Sayre: a crítica antiburguesa do romantismo é vista como reacionária, conservadora e retrógrada. É o caso, em especial,

de Karl Mannheim e do próprio “criador” do conceito “anticapitalismo romântico”, György Lukács.

Lukács (1974) considera o romantismo como uma corrente reacionária que tende para a direita e para o fascismo. Segundo ele, a expressão “anticapitalismo romântico” designa o conjunto das formas de pensamento em que a crítica da sociedade burguesa se inspira em uma nostalgia passadista. Esse caráter conservador do anticapitalismo romântico é o cerne principal da crítica de Lukács sobre o assunto. No próximo subtópico deste artigo essa crítica será discutida com mais detalhes.

A obra de Balzac, assim como as de muitos outros autores românticos conservadores, é carregada de realismo e visão crítica. Para muitos críticos, essas características são contraditórias com relação à ideologia reacionária, legitimista ou tory do anticapitalista romântico. Porém, para Löwy e Sayre (1995), é inútil atribuir-lhes características democráticas ou progressistas inexistentes: “é porque têm o olhar voltado para o passado que criticam o presente com tamanha acuidade e realismo”. (p. 24-25) Segundo o autor, é um preconceito – herdado do iluminismo – conceber a crítica da realidade social (realismo crítico) por meio de uma perspectiva unicamente “progressista”.

Ademais de haver obras “realistas”, existem ainda obras românticas ou neorromânticas deliberadamente não-realistas: simbolistas, fantásticas e, mais adiante, surrealistas. Para Löwy e Sayre (1995), o fato de essas obras não serem “reais” não diminui em nada seu interesse como crítica da realidade social. O sonho de um mundo diferente, representado em tais obras, designa uma oposição de um universo ideal, imaginário, utópico e maravilhoso à realidade monótona, prosaica e alienada do mundo moderno. Essa ideia, para o autor, representa um novo conceito, o *irrealismo crítico*.

O caráter irrealista crítico de escritores e poetas como Novalis e Hoffman, assim como de utopistas e revolucionários como Charles Fourier, Moses Hess e William Morris, é que deu ao romantismo uma dimensão essencial, tão digna de atenção de um ponto de vista emancipador, quanto a lucidez implacavelmente realista de um Balzac ou de um Dickens. (p. 25)

Diferentemente dos textos que definem o romantismo como um avatar cultural da contrarrevolução, há ainda diversos trabalhos de autores marxistas, como Ernst Fischer, E. P. Thompson e Raymond Williams, que se dão conta das contradições e, ao mesmo tempo, da unidade essencial do fenômeno, sem negar sua veia revolucionária.

No entanto, para Löwy e Sayre (1995), esses trabalhos são, em grande maioria, limitados e parciais, pois se limitam a um único setor, país ou período (geralmente início do século XIX), e consideram apenas as dimensões literárias e artísticas do fenômeno. Para o autor, tais trabalhos

[...] não chegam a desenvolver uma definição precisa, nem uma visão global do romantismo: em vez de uma teoria de conjunto, encontramos, de preferência, sugestões e resumos interessantes. (p. 28)

1.2 A (re)definição de romantismo

Com vistas a preencher as lacunas deixadas pelos métodos e obras abordadas até então, Löwy e Sayre propõem uma tentativa de (re)definir o fenômeno romântico tomando como ponto de partida uma definição do romantismo como *Weltanschauung*, ou visão de mundo, isto é, como estrutura mental. Por ser uma visão de mundo, tal fenômeno pode e se manifesta em diferentes esferas culturais da sociedade, tais como filosofia; sociologia; história; pensamentos político, econômico e jurídico; etc. Assim, a definição proposta não se limita à literatura e à arte e tampouco ao período histórico durante o qual se desenvolveram os movimentos artísticos considerados “românticos”. Em suma, essa nova definição aborda o movimento romântico em toda sua extensão, profundidade, complexidade e levando em conta suas contradições.

A conceituação de romantismo de Löwy e Sayre tem como base inicial o trabalho de Lucien Goldmann, que elaborou o conceito moderno de visão de mundo. Goldmann se refere ao romantismo “como uma das quatro formas principais do pensamento moderno, juntamente com a filosofia das luzes e as visões trágicas e dialéticas”. (GOLDMANN *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p. 29) Na obra Sociologia do romance, ele concebe o romance como expondo o conflito entre a sociedade burguesa e certos valores humanos.

Löwy e Sayre se inspiraram também nas análises de György Lukács sobre o fenômeno. O jovem Lukács foi o primeiro a relacionar explicitamente o romantismo com a oposição ao capitalismo – em sua fórmula: “*romantischer Antikapitalismus*”. Porém, diferentemente de Lukács, que tratava a palavra “romântico” como mero adjetivo para designar um tipo particular de anticapitalismo, os autores esboçaram um retrato do “romantismo anticapitalista”, transformando o adjetivo em substantivo. Mais tarde, contudo, eles perceberam que falar em romantismo anticapitalista era pleonasmo, pois, na visão deles, o romantismo é por essência anticapitalista, pois ele sempre reage, de uma forma ou de outra, contra o modo de vida da sociedade capitalista.

É importante ressaltar que, um tempo depois, o Lukács da maturidade passa a discordar da essência romântica do anticapitalismo defendida por Löwy e Sayre. Inclusive, no prefácio de julho de 1962 da reedição da *Teoria do Romance* (2000), ele tece várias críticas à visão romântica anticapitalista que, segundo Löwy, o próprio Lukács defendia à época.

Para Löwy (1979), após a Primeira Guerra Mundial, Lukács passa de uma “visão trágica do mundo para o engajamento político” (p. 100). Ele acredita também que a Revolução Russa de 1917 provocou grande impacto no anticapitalista ainda romântico que Lukács era. Trocando em miúdos, o Lukács marxista, para Löwy, se tornou mais objetivista.

Na *Teoria do Romance*, a recusa do mundo burguês fragmentado se apresenta, para Löwy, como romântica (anticapitalista romântica). Para ele, a Grécia Homérica citada por Lukács na obra é utilizada como paradigma da sua recusa ao mundo burguês. Ademais, segundo Löwy, a Grécia arcaica é vista com nostalgia em face da época moderna.

Em contraponto, Lukács afirma que a Grécia antiga (e sua epopeia Homérica) é paradigma para pensar na sociedade harmoniosa, em sua unidade, mas não é paradigma para a sua oposição ao mundo das relações burguesas fragmentadas. Para ele, diferentemente do que pensa Löwy, a obra não reivindica ou deseja voltar ao passado,

não há tal tipo de nostalgia. Lukács afirma que a *Teoria do Romance* apresenta o problema do mais-além deste mundo.

Para o Lukács maduro, o anticapitalismo romântico seria uma forma de crítica reacionária da sociedade burguesa, pois o enfoque dado pelos teóricos românticos recai necessariamente na reivindicação de um passado pré-capitalista em face do presente capitalista. Ele compreende que qualquer reivindicação de algumas facetas das relações sociais pré-capitalistas requer a totalidade de tais relações, inclusive aquelas servis e escravocratas, por exemplo. Ou seja, significa recuperar o todo pré-capitalista, tanto as boas quanto as más coisas.

No autor da *Teoria do Romance*, a despeito de seu ponto de partida filosófico em Hegel, Goethe e o Romantismo, não se percebem tais estados de ânimo. Sua oposição ao vazio cultural do capitalismo não contém nenhuma simpatia pela miséria alemã e seus resíduos no presente, como em Thomas Mann. A *Teoria do Romance* não é de caráter conservador, mas subversivo. (LUKÁCS, 2000, p. 16)

No trecho acima, constante do Prefácio de 1962 da reedição da *Teoria do Romance* (2000), Lukács critica justamente o conservadorismo, o “olhar para o passado” da crítica romântica à modernidade. Para ele, isso representa uma involução, que se apresenta insuficiente para a revolução desejada, em face das contraditórias “conquistas” possibilitadas pelo capitalismo, que, segundo ele, é uma formação histórica necessária para a efetivação revolucionária. Lukács acredita que para a revolução é necessário o desenvolvimento das condições materiais possibilitadas pelo capitalismo. Em resumo, enquanto Löwy recusa a modernidade a partir do passado, o Lukács maduro recusa o presente a partir do presente.

Abordada a importante e polêmica crítica de Lukács, voltemos aos conceitos de Löwy e Sayre (1995) sobre o fenômeno romântico:

[...] para nós, o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de ideais e valores do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Podemos dizer que, desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da revolta e do 'sol negro da melancolia'. (p. 34)

Para os autores, o romantismo exerce uma dura crítica com relação à realidade social capitalista vigente (“modernidade”), representada pela civilização moderna engendrada pela Revolução Industrial e a generalização da economia de mercado, e seus fenômenos, tais como: racionalização (espírito de cálculo), burocratização, predominância das relações secundárias na vida social, urbanização, secularização e reificação².

Segundo Löwy e Sayre (1995), é importante observar que o romantismo é uma crítica moderna da modernidade. Isso significa dizer que, embora os românticos se revoltem contra a modernidade, eles também são fruto desse sistema.

[...] ao reagirem afetivamente, ao refletirem, escreverem contra a modernidade, estão reagindo, refletindo e escrevendo em tempos modernos. Em vez de lançar um olhar do exterior, de ser uma crítica oriunda de um 'alheio' qualquer, a visão romântica constitui uma '*autocrítica*' da modernidade. (p. 39)

Para os autores, no que tange à gênese do romantismo, o fenômeno apareceu na segunda metade do século XVIII na Europa (Inglaterra, França e Alemanha), quando começaram as lentas e profundas transformações – de ordem econômica e social – causadas pelo advento do capitalismo e se espalhou pelo resto do Velho Continente e pelo mundo, conforme o crescimento do sistema capitalista. O fato romântico nasce quando são criadas as bases da indústria moderna e se concretiza no domínio do mercado sobre o conjunto da vida social.

1.3 Especificidades da crítica romântica à modernidade

Na grande maioria dos casos, as críticas românticas recaem sobre as características do capitalismo, cujos efeitos negativos afetam as classes sociais, notadamente sobre o fenômeno crucial de todo o conjunto, que é a “reificação” ou

2 Segundo o *Dicionário do pensamento marxista* (1988), reificação é o ato (ou resultado do ato) de transformação das propriedades, relações e ações humanas em propriedades, relações e ações de coisas produzidas pelo homem, que se tornaram independentes (e que são imaginadas como originalmente independentes) do homem e governam sua vida. Significa igualmente a transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas. A reificação é um 'caso especial' de ALIENAÇÃO, sua forma mais radical e generalizada, característica da moderna sociedade capitalista.

“coisificação” do ser humano, transformação das relações humanas em relações entre coisas, objetos inertes. As demais características desse sistema que são também criticadas, e com muita contundência, pelos românticos são, segundo Löwy e Sayre: o desencantamento, a quantificação e a mecanização do mundo; a abstração racionalista; e a dissolução dos vínculos sociais.

Em um célebre trecho do *Manifesto do Partido Comunista*, Karl Marx verificava que os frêmitos sagrados, as exaltações piedosas e o entusiasmo cavalheiresco do passado tinham sido submergidos pela burguesia “na glacial do cálculo egoísta”. Tal passagem retrata muito bem uma característica da modernidade capitalista-industrial, o desencantamento do mundo.

Max Weber, ao analisar a civilização moderna, afirmou que

[...] o destino de nossa época, caracterizada pela racionalização, intelectualização e, sobretudo, desencantamento do mundo, conduziu os seres humanos a banir os valores supremos mais sublimes da vida pública. Estes encontraram refúgios no reino transcendente da vida mística ou na fraternidade das relações diretas e recíprocas entre indivíduos isolados. (WEBER *apud* LÖWY E SAYRE, 1995, p.51)

No intuito de “combater” esse desencantamento, os românticos procuram realizar uma espécie de reencantamento da realidade. Uma de suas principais modalidades é o retorno às tradições religiosas e, por vezes místicas. Aliás, alguns críticos afirmam que a religião é a principal característica do espírito romântico. No entanto, o romantismo não se utiliza somente desse artifício para reencantar o mundo, mas o faz também empregando magia, artes esotéricas, feitiçaria, alquimia, astrologia, mitos, lendas, contos de fadas, narrativas góticas, etc. Ademais, o romântico se utiliza ainda da exaltação da natureza para esse fim.

Segundo Löwy e Sayre (1995), o mito ocupa um lugar à parte entre as estratégias românticas de reencantamento do mundo.

Existem múltiplas formas de utilizar esse perigoso tesouro: a referência poética ou literária dos mitos antigos, orientais ou populares; o estudo 'erudito' – histórico, teológico ou filosófico – da mitologia; e a tentativa de criar um novo mito. Nos três casos, a perda de substância religiosa do mito – resultado da

secularização moderna – transforma essa tentativa em uma figura profanado reencantamento, ou antes uma via não religiosa para voltar a encontrar o sagrado. (p. 54)

Muitos românticos acreditam que todas as características da sociedade moderna (religião do deus Dinheiro; declínio de todos os valores qualitativos, sociais, religiosos, etc.; dissolução de todos os vínculos humanos qualitativos; morte da imaginação e do romanesco; enfadonha uniformização da vida; e relação puramente utilitária dos seres humanos entre si e com a natureza) são originadas da quantificação mercantilista. Para esses românticos, o espírito de cálculo racional privilegia a quantidade em detrimento da qualidade, especialmente quando essa quantidade se refere a dinheiro. A racionalidade se sobrepõe à subjetividade, à imaginação. Para Löwy e Sayre (1995), a quantificação do mundo e a valorização do dinheiro na sociedade moderna envenenam a vida social.

Max Weber considera que o capitalismo teve origem na difusão dos livros de contas dos comerciantes, isto é, no cálculo racional do crédito e débito, das entradas e saídas. O *etos* do capitalismo industrial moderno é a *Rechenhaftigkeit*, isto é, o espírito de cálculo racional. (p. 59)

Tempos difíceis, de Charles Dickens, relata de modo muito contundente a trituração da alma do ser humano pela sociedade moderna. Para Löwy e Sayre (1995), o romance ilustra, ainda, “como a modernidade excluiu qualidades como a beleza, a imaginação e a cor da vida material dos indivíduos ao reduzi-la a uma rotina enfadonha, fatigante e uniforme.” (p. 61)

Os românticos criticam também a mecanização do mundo. Eles, no intuito de criticar a realidade moderna, demonstram enorme hostilidade a tudo que é mecânico, artificial, construído. Além disso, relembram com nostalgia a harmonia perdida entre o homem e a natureza. Os progressos da industrialização, do maquinismo, da conquista mecanizada do meio ambiente são observados com melancolia e desolação.

A autômata Olympia, personagem fundamental da obra *O homem de areia*, de Hoffman, demonstra como os românticos estão obcecados pelo horror de uma mecanização do próprio ser humano. Löwy e Sayre (1995) relatam que

[...] em um comentário sobre Hoffman, Walter Benjamin observava que seus contos estão baseados na identidade entre automático e satânico, sendo a vida do homem moderno 'o produto de um infame mecanismo artificial, regido no interior por Satanás. (p. 63)

Outra característica constantemente abordada nas obras românticas é a abstração racionalista e a racionalização na vida burguesa. Os românticos desprezam o fato de que na sociedade moderna toda a vida econômica, social e política giram em torno das exigências da racionalidade-em-relação-aos-objetos (racionalidade instrumental) e da racionalidade burocrática. Segundo Löwy e Sayre (1995), para combater essa lógica, os autores românticos recorrem ao historicismo, ao retorno do concreto, descobrindo e reabilitando a história.

O combate ideológico dos românticos contra a abstração assume, muitas vezes, a forma de um retorno ao *concreto*: no romantismo político alemão, estabelece-se a oposição entre os direitos naturais abstratos e os direitos concretos, históricos tradicionais de cada país ou região; entre a Liberdade abstrata e as 'liberdades' concretas de cada estado social; entre as doutrinas universalistas e as tradições nacionais ou locais, e entre as regras ou princípios gerais e os aspectos concretos, particulares, específicos da realidade. (p. 65)

Alguns românticos criticam, ainda, as atitudes estritamente racionais, notadamente dos burgueses, ao valorizarem sentimentos e atitudes não racionais daqueles comumente confundidos e rotulados pelo senso comum como “românticos”, quais sejam: amor como emoção pura; ímpeto irredutível a todo cálculo; contra as estratégias racionais de casamento; seguidores de intuições, premonições, instintos e sentimentos.

Por fim, a última das críticas, conforme Löwy e Sayre, recai sobre a dissolução dos vínculos sociais acarretada pelo sistema capitalista. Os românticos não raramente expõem a solidão na sociedade; a destruição das formas orgânicas e comunitárias da vida social; e o excesso de egoísmo (isolamento do indivíduo). Ademais, retratam a valorização da cidade (deserto) em detrimento da natureza e buscam nostalgicamente a comunidade “autêntica” (vida rural, camponesa), onde os valores tradicionais são respeitados, a natureza é exaltada e o povo é feliz.

Marx e Engels, no *Manifesto Comunista*, traduzem de maneira muito interessante essa dissolução dos vínculos sociais causada pelo mundo moderno:

A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. [...] Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas. (2014, p. 3)

2. As pupilas do Senhor Reitor, de Júlio Dinis

2.1 A obra

As pupilas do Senhor Reitor, do escritor Júlio Dinis – pseudônimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho – é um importante romance português do século XIX. Inicialmente, ele foi lançado ao público no formato de folhetim no ano de 1863 e, posteriormente, editado e lançado no formato de livro no ano de 1867. A obra conheceu um sucesso notável e, no mesmo ano de sua publicação, sofreu uma adaptação para o teatro. Esse grande êxito provocou, até mesmo, sua adaptação em diversas telenovelas e filmes ao longo do tempo, inclusive aqui no Brasil.

O enredo está ambientado na segunda metade do século XIX, em uma pequena aldeia portuguesa situada em Ovar (interior de Portugal) e relata a história de Margarida e Clara, pupilas do Reitor, e seus romances com os filhos do fazendeiro José das Dornas: Pedro e Daniel. Importante destacar que Júlio Dinis utilizou de sua própria vivência em Ovar como inspiração na obra.

Muitos críticos associam o grande sucesso da obra com o caráter inesperado que o romance assume no panorama literário português da época. Júlio Dinis, por meio de sua narrativa, representa uma tendência que, na literatura lusitana, quase não tem antecedentes: a do romantismo rústico. Esse viés, claramente conservador, “realista” e anticapitalista, provém de uma fonte de inspiração temática que procura radicar numa vivência cotidiana e próxima da natureza um novo comportamento humano e social,

nitidamente respondendo à sombra ideológica burguesa que rondava Portugal nos meados do século XIX.

A obra possui grande caráter moralizador, em que a religiosidade e a bondade (sacrifício pessoal) são exaltadas em detrimento de valores egoístas e individuais. Uma problemática pequeno-burguesa é exposta com o propósito de se pregar uma moralização de costumes pela vida rural e pela influência de um clero convertido ao liberalismo.

Claramente podemos perceber que a tese defendida é a de que a vida simples e natural, do campo, torna as pessoas alegres, felizes. Júlio Dinis reforça o motivo literário *fugereurbem* (fugir da cidade), em que a natureza é o grande cenário – repleta de abundância, belezas nostalgicamente evocadas, a “mãe” que tudo provê. Em suma, Dinis vê o mundo, como os românticos, de maneira maniqueísta (cidade/campo; modernidade/tradição; desejo/amor).

2.2 Os personagens

Os personagens da obra são basicamente cópias autênticas e fiéis daqueles que viveram no campo, na pequena Ovar. Seguem os principais:

- José das Dornas: lavrador abastado, humilde e humano. Viúvo forte e rijo. Pai de Pedro e Daniel;

- Pedro: jovem aldeão, decidido, robusto, puro e simples. Trabalha no campo e adora sua rotina. Filho mais velho de José das Dornas;

- Daniel: “mulherengo” (característica adquirida na cidade do Porto), franzino, indeciso e complexo. Detesta o trabalho do campo. Filho mais novo de José das Dornas;

- Padre Antônio: o senhor Reitor, pároco local. Bondoso, zelador. Dissemina os valores e a moral para a comunidade;

- Clara: jovem extrovertida, alegre e imatura. Pupila do senhor Reitor;

- Margarida (Guida): bondosa, sensata, calada e madura. Irmã por parte de pai de Clara e também pupila do senhor Reitor;

- João Semana: médico ancião da aldeia;

- Joana: criada de João Semana;

- João da Esquina: comerciante astuto e interesseiro;

- D. Teresa: esposa de João da Esquina; e

- Francisca: filha de João da Esquina.

No que tange aos personagens, vale a pena ressaltar algumas informações relevantes:

Os personagens centrais da trama são: o Reitor, suas pupilas (Clara e Guida), José das Dornas e seus filhos (Pedro e Daniel).

O Reitor, José das Dornas e João Semana representam o instrumento de transmissão dos valores a serem seguidos pela comunidade e, por conseguinte, pelo leitor da obra. É fundamentalmente por meio desses personagens que se dá o caráter moralizador do romance.

Cada par de irmãos (Pedro e Daniel; e Clara e Guida) possuem personalidades antagônicas, notadamente no que se refere ao contraste razão/emoção. Pedro é um rapaz decidido, robusto e racional, enquanto Daniel é passional, frágil de corpo e emocional. Clara é imatura, emocional, extrovertida e meiga, enquanto Guida se mostra sensata, introspectiva, arquiteta de sua existência e racional.

2.3 O enredo

O romance se concentra, como já citado neste artigo, nas histórias de amor e seus desencontros entre as órfãs Clara e Guida e os irmãos Pedro e Daniel. Ainda meninos, Daniel e Guida tiveram um pequeno e proibido flerte. Ao saber desse namoro, o Reitor, irritado, convenceu o pai de Daniel, José das Dornas, a enviar o seu filho caçula a Porto para estudar medicina.

Dez anos depois, Daniel regressa da cidade grande já como médico homeopata e bastante mudado (“contaminado” pelos costumes da cidade). Enquanto Guida conservara o genuíno amor de outrora, Daniel sequer se lembrava da pequena pastora e tornara-se um namorador impulsivo e inconstante. Inclusive, ao voltar à terra natal, Daniel se interessa pela então noiva de seu irmão, Clara.

Clara, a princípio, também se interessara pelo médico e galanteador Daniel, porém, ao medir as graves consequências desse amor mais que proibido, decide acabar com tamanho assédio e concede uma entrevista a Daniel no jardim de sua casa para resolver a situação. O ponto alto da trama se dá quando Daniel e Clara são surpreendidos por Pedro. Então, Guida, num gesto de mais pura bondade e amor a Daniel, se coloca no lugar de sua irmã para salvar sua reputação. Daniel, impressionado com a abnegação de Guida, se lembra do amor de outrora e se apaixona novamente por ela e tenta conquistá-la a qualquer custo. No fim e após muito sofrimento e resistência, Guida finalmente aceita o amor do agora “tocado pelo amor” Daniel.

3. A crítica romântica (anticapitalista) em *As pupilas do Senhor Reitor*

3.1 O romantismo português e *As pupilas do Senhor Reitor*

Para começar a analisar os elementos da crítica romântica na obra, é importante, antes de tudo, considerar a situação de Portugal na segunda metade do século XIX. Diferentemente da França, Inglaterra ou até mesmo da Alemanha, países em que, naquele período, o capitalismo já se mostrava um sistema consolidado, Portugal era ainda um país majoritariamente agrário, periférico em relação ao centro da Europa e, assim, mais distante dos efeitos da modernidade. Por consequência, os problemas da modernidade contra os quais os românticos do centro europeu se insurgiam eram, naquele tempo, praticamente inexistentes no país luso.

Assim, como se deu o romantismo (anticapitalista) em Portugal se o capitalismo, naquele país, era apenas uma sombra, uma reverberação distante, do que era o capitalismo na França, Inglaterra, Alemanha etc.? Os românticos portugueses, influenciados pelos românticos dos países centrais da Europa, adaptaram as críticas românticas à realidade local, considerando o chão histórico português.

No caso da obra *As pupilas do Senhor Reitor*, o eixo da crítica romântica está centrado na relação entre o campo e a cidade. Dinis, ao enfatizar tal eixo, reforça a negação do progresso contraditório capitalista – e de suas características indesejáveis – que rondava Portugal e exalta a vida no campo como saída para problemas que o país ainda nem vivia de fato.

Como ainda não existia uma burguesia portuguesa consolidada, uma industrialização efetiva e nem uma hegemonia de mercado português em relação ao centro europeu, *As pupilas do Senhor Reitor* apresenta uma natureza romântica meramente nostálgica ou evasiva, porém sem força de enfrentamento ao capitalismo propriamente dito. Assim, o resultado é claramente mais conservador que revolucionário.

3.2 Os elementos da crítica romântica anticapitalista na obra

Como já mencionamos no subtópico anterior, o foco da crítica romântica anticapitalista, na obra, está centrado na relação entre o campo e a cidade, em que o primeiro é exaltado (reencantado) em detrimento do segundo, que é negado. Dinis critica os valores e modos de vida modernos – notadamente aqueles adquiridos por Daniel na cidade de Porto – em nome de valores e ideais tradicionais, inclusive religiosos, cultivados no campo.

No entanto, outras relações, direta ou indiretamente relacionadas ao eixo central, são utilizadas como elementos dessa crítica, quais sejam: crenças populares e religiosas x novas teorias científicas evolucionistas; medicina do médico aldeão João Semana x medicina do jovem médico Daniel; e relações humanas na cidade (Daniel conquistador, Clara e outras moças provincianas deslumbradas) x relações humanas no campo (amor sacrifício, puro, sublime e infantil de Margarida).

No que se refere ao eixo central da crítica romântica constante da obra, a aldeia, o campo, a natureza – diferentemente das grandes cidades – são constantemente exaltados, como podemos notar na seguinte fala de Daniel, ao retornar de Porto: “— Digam o que quiserem, há na aldeia belezas magníficas. A cena é inexcédível – e isto

dizia, correndo com a vista o horizonte vasto que o rodeava —e as personagens, às vezes, são bem dignas de atenção!” (p. 60)

Segue, a título de exemplificação, outro trecho em que o campo é exaltado:

Naquela tarde, Daniel, escrevendo a um seu antigo condiscípulo, dizia, entre outras coisas, o seguinte:
"Participo-te que se está desenvolvendo em mim o gosto pelo gênero campestre. Principio a achar mais dignas do pincel do artista estas formosuras expressivas e, quase direi, enérgicas da aldeia, do que as sempre monotonamente lânguidas maravilhas da cidade. Pena é que o reconhecesse um tanto tarde [...]" (p. 93)

Ademais de exaltar a natureza e o campo em detrimento da cidade, Dinis ressalta as crenças tradicionais, populares e religiosas do povoado de Ovar em prejuízo das teorias científicas evolucionistas modernas. É o que podemos notar no seguinte diálogo, em que João da Esquina, ao conversar com José das Dornas, não abre mão de sua crença, baseada na fé cristã, e renega a teoria evolucionista:

— Eu não, pois... Macaco! Então eu sou macaco? Então vossemecê é macaco? Então ele é macaco? Então nós somos... Ora, isso não pode ser.
— Você, Sr. João, cuida que eles entendem as coisas assim como nós. Isso tem lá sentido.
— Outro sentido! Que diabo de sentido há de ter? Todos sabem o que é um homem, todos sabem o que é um macaco. Não vejo que outro sentido seja. Macaco! Irra! Não, essa agora é que me não entra cá.
— Ele, salvo seja — observou José das Dornas, rindo — aqueles diabos parecem às vezes mesmo gente, lá isso parecem; o Sr. João nunca os viu?
— Vi, vi; tenho visto muitos.
— Olhe que fazem coisas! Que, fora a alma, já se sabe...
— Pois sim; mas o... mas a cauda?
— Ah! lá isso... — respondeu o lavrador embaraçado.
— Ora então, aí tem — disse João da Esquina com ar triunfante, capaz de fulminar Lamarck.
— Deixe ver se me lembro de outras que ele provou...
— Não; essa já não é má! Mas, ó Sr. José, deveras ele disse?
— Ora essa, vizinho! Palavra que sim...
— Macacos! O rapaz não estava em si deserto. Macacos! Mas então que queria ele dizer afinal? Pois nós somos macacos, Sr. José? Ora diga?
— Não sei. Eles lá o lêem, lá o entendem.
— Vão para o diabo. Bem me importa a mim o que eles lêem e o que eles entendem. Não está má essa! Macacos!(p.44)

Uma consequência importante dessa negação à ciência moderna é a preferência dos aldeões quando o assunto é medicina: eles preferem o médico tradicional e ancião João Semana ao jovem doutor Daniel, formado em Porto. Segue um trecho em que João

da Esquina elogia João Semana e rejeita o jovem médico Daniel, especialmente por se utilizar de conceitos e métodos “modernos” da cidade grande:

Assim que o lavrador virou as costas, João da Esquina murmurou com os seus botões:
Nada, para mim não serve o doutor [Daniel]. Se ele diz que não há doenças, que há de vir cá vir fazer? E depois, pôr-me em dieta de vidro moído e cebola albarrão ou outras coisas assim, e mandar-me a correr de quatro pelos montes. Nada. Quero-me com o João da Semana, que é homem sério, e não tem destas esquisitices da moda. (p. 45)

Um dos elementos mais importantes de crítica romântica anticapitalista da obra, pelo fato de ela tratar especialmente de estória(s) de amor, é a questão das relações humanas na cidade (dissolução dos vínculos) x relações humanas no campo, representada notadamente pelas figuras de Daniel e Margarida.

Daniel, ao chegar a Porto, se “contamina” com o modo de vida urbano da grande cidade e, assim, deixa de praticar os hábitos e tradições rurais, além de se esquecer do seu amor de infância, Guida. Em Porto, Daniel se descobre conquistador, mulherengo – deslumbrando diversas moças, inclusive Clara, quando de seu regresso a Ovar (como já contamos). A seguir, destacamos um trecho bastante representativo, em que Daniel se esquece de Guida pelos novos hábitos de vida e Margarida conserva o antigo vínculo intacto:

Mas, pelos seus novos hábitos de vida, Daniel distanciara-se daquela que conhecera em criança; nem dela talvez se lembrasse já. Margarida pensava agora no caso, que os aproximava assim, e não podia, sem uma vaga inquietação de espírito, ver, no futuro, a possibilidade de uma entrevista com ele. (p. 39)

Pelo trecho supracitado, podemos notar a grande diferença entre o modo como se davam as relações humanas no campo, representadas pela Guida, e na cidade, representadas pelo então mudado Daniel. Enquanto as relações humanas no campo possuíam um caráter orgânico, comunitário e sincero, na cidade percebemos um isolamento do indivíduo, uma espécie de destruição das formas orgânicas e comunitárias da vida social, um egoísmo exacerbado. A busca nostálgica da comunidade autêntica (da vida camponesa) é muito presente na obra.

Segue um trecho descritivo de Daniel quando da sua volta à pequena aldeia:

Daniel era agora um esbelto rapaz de vinte e três anos, de aspecto mais varonil, mas conservando ainda a mesma delicadeza de organização, que o caracterizara na infância, e que tantas apreensões fizera conceber ao pai. No meio daqueles homens do campo distinguia-se singularmente o seu tipo quase setentrional, e com grande vantagem para ele no conceito das mulheres, que umas às outras faziam baixinho esta observação, traída, porém, pelos olhares que lhe lançavam. (p. 54)

Diferentemente de Daniel, Margarida nunca saiu da aldeia e sempre manteve sua conduta, no que concerne às relações sociais, intacta. Desde o primeiro flerte com Daniel, ainda criança, ela nutria a esperança de que um dia ele voltaria e que aquela velha relação seria reatada. Mesmo quando sofreu nas mãos de sua antiga madrastra, Guida mostrou um amor puro, sublime, de sacrifício, para com ela. O mesmo sentimento ela demonstrou quando, no ponto alto da narrativa, se colocou no lugar de Clara na entrevista que teve com Daniel para salvar a reputação da irmã:

Quando, no momento em que Daniel saía, Clara reconheceu a voz do noivo, soltou um grito de terroso, e, fechando instintivamente a porta, caiu desfalecida na rua do quintal. Foi então que Margarida correu, que a arrastou nos braços para longe daquele sítio, e depois, sacrificando a sua reputação ao futuro da irmã, veio cair aos pés de Pedro, como a verdadeira culpada. O conceito que Pedro formava do caráter de Margarida não o tinha deixado imaginar sequer que pudesse ser ela a que aceitara a entrevista com o irmão. Apesar de todo o seu amor por Clara, era maior ainda a confiança que depositava em Margarida. (p. 158)

Esse inesperado gesto de Guida provocou uma grande mudança no espírito de Daniel: ele se lembrou do amor de outrora que cultivava por ela, recuperou seu sentimento original. Acreditamos que tal fato possui um valor simbólico importante no que tange à crítica romântica anticapitalista: Daniel renegou os valores “modernos” adquiridos na cidade ao recuperar os sentimentos de sua vivência anterior a sua ida a Porto. Segue uma fala de Daniel, dirigida a Margarida, que valida essa hipótese:

— A sua confiança, a sua estima; juro-lhe que a mereço. Pela primeira vez faço, sem hesitar, este juramento. Alguma coisa se passou no meu coração, que me fez outro homem. Acabou o louco sonho de dez anos, que andei sonhando. Despertei ontem. Agora sou o mesmo Daniel, que daqui partiu, deixando na aldeia alguém que do alto dos montes olhava com tristeza para a estrada que o constrangeram a seguir, estrada que, ele também, regou com lágrimas de saudades. Guida, não me perdoará as loucuras deste sonho mau? Não mas perdoará em nome do passado? Fale.(p. 197)

Por meio dos elementos de crítica romântica anticapitalista expostos neste subtópico, podemos notar que Dinis, em *As pupilas do Senhor Reitor*, utiliza

basicamente a evasão romântica para o campo e os valores tradicionais, principalmente os religiosos, como maneira de lidar com a contradição existente entre a cidade e o campo.

Considerações finais

Por meio deste artigo pudemos perceber que, no século XIX, o romantismo anticapitalista, enquanto visão de mundo, não se manifestou somente nos países centrais da Europa, quais sejam: Inglaterra, França e Alemanha, mas reverberou também, mesmo que de maneira singular, em países periféricos onde o capitalismo ainda não havia se consolidado, como é o caso de Portugal.

Júlio Dinis, em *As pupilas do Senhor Reitor*, reforça a negação do progresso contraditório dos movimentos capitalistas que rondavam Portugal à época. Como o país luso era ainda majoritariamente agrário e o capitalismo lá ainda estava cru, é claro que a crítica romântica anticapitalista de Dinis se deu de forma peculiar se comparada às críticas românticas do centro do Velho Continente. Enquanto os românticos ingleses e franceses, por exemplo, possuíam uma crítica muito mais de enfrentamento àquele sistema, com um caráter muito mais revolucionário que conservador, o anticapitalismo de Dinis se resumia em reivindicar o passado, a tradição, em face da modernização que se aproximava rapidamente de Portugal.

Em resumo, ao abordar o contraste entre cidade (Porto) e campo (Ovar) e seus desdobramentos, Dinis reforça o motivo literário *fugereurbem*, a nostalgia ou evasão romântica como forma de negação da modernidade. Ele, por meio das contradições expostas na obra, defende que quanto mais campestre, natural e simples for o homem, mais ele terá a possibilidade de ser feliz. Assim, a modernidade e seus valores são vistos na obra como elementos prejudiciais às relações sociais saudáveis e, por consequência, ao próprio ser humano.

Referências

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1988.

DINIS, Júlio. *As pupilas do Senhor Reitor*. Obra virtual disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000148>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2014, às 16h25.

LÖWY, Michael. Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários. A evolução política de Lukács (1900-1929). Tr.br. Heloísa Helena A. Melo e Agostinho Ferreira Martins; tradução dos anexos de Gildo Marçal Brandão. São Paulo: Lech Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. “O que é o Romantismo? Uma tentativa de redefinição”. In: _____. *Revolta e melancolia. O Romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

LUKÁCS, Georg. *A Teoria do Romance*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LUKÁCS, Georg. *Écrits de Moscou*, Paris, Éd. Sociales, 1974.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Obra virtual disponível em <<http://www.psb40.org.br/bib/b30.pdf>>. Acesso em: 17 de dezembro de 2014, às 18h39.